

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**TEREZA GREGÓRIO**

**OS DESAFIOS DA VIDA COTIDIANA NA PÓS-MODERNIDADE:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2007**

**TEREZA GREGÓRIO**

**OS DESAFIOS DA VIDA COTIDIANA NA PÓS-MODERNIDADE:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel ao Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. (a) Dr.(a) Teresinha Maria Gonçalves

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2007**

**TEREZA GREGÓRIO**

**OS DESAFIOS DA VIDA COTIDIANA NA PÓS-MODERNIDADE:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Psicologia Social.

Criciúma, 26 de junho de 2007.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Teresinha Maria Gonçalves - Doutora - (UNESC) – Orientadora

Prof. Sergio Leandro Gobbi – MSc - (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. Patrícia Martins Goulart – Doutora - (UNESC)

**Dedico a Deus, por estar sempre presente,  
principalmente, nos momentos mais difíceis  
de minha vida.**

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho...

Especialmente:

- ✿ Prof. Sergio Leonardo Gobbi, que nunca deixa de transmitir o seu lado humano;
- ✿ Prof<sup>a</sup> Teresinha Maria Gonçalves, pela sabedoria e conhecimento transmitido durante a construção deste trabalho;
- ✿ Elisiane da Rosa Morais, pela colaboração nas discussões sobre o tema trabalhado.

*Este mundo será mais humano e humanitário. Explorará e desenvolverá as riquezas e capacidades da mente e do espírito humanos. Produzirá indivíduos que serão mais integrados e plenos. Será um mundo que valorizará a pessoa individual, o maior de nossos recursos. Será um mundo mais natural, com um renovado amor e respeito pela natureza, desenvolvendo uma ciência mais complexa e humana, baseando em conceitos novos e menos rígidos. Sua tecnologia objetivará o engrandecimento das pessoas, aos invés da exploração delas e da natureza. Liberará a criatividade, à medida que os indivíduos sentirem seu poder, suas capacidades, sua liberdade.*

*Os fortes ventos da mudança científica, social e cultural estão soprando fortemente. As enormes perturbações da sociedade moderna forçarão uma transformação para uma ordem nova e mais coerente. E nessa ordem parece crescer uma nova visão do mundo, a relação, um renovado amor pela natureza e por cada pessoa, uma compreensão da unidade espiritual do universo. Deve ser um mundo mais humano, com mais lugar para indivíduos que são integrados e totais. Esta é, pelo menos, minha entusiasmada esperança".(ROGERS, 1983, p. 19).*

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão à mudança de paradigma que percebemos com clareza, refletida nos indivíduos. Trata-se de uma revisão bibliográfica com o objetivo de mostrar as profundas alterações no mundo contemporâneo que acabaram criando um novo contexto, onde o mundo moderno, considerado como um mundo de certezas e ordem, tem sido substituído por uma cultura de incertezas e indeterminações, caracterizado pela desconstrução de antigas teorias e pela construção de novas teorias do conhecimento. Este trabalho aborda a discussão entre algumas teorias antigas e recentes, desenvolvidas nas áreas social e filosófica: modernidade, pós-modernidade, comportamento, consumo, subjetividade e psicologia no novo contexto social. Dessa forma, pretende-se mostrar o grande desafio para a psicologia relacionado às mudanças subjetivas introduzidas pelo novo cenário atual: discutir a problematização atual que busca uma nova compreensão do ser humano. Pode-se constatar que a psicologia ainda o observa na contemporaneidade, a partir de categorias tradicionais. Considerando que as transformações sociais geram grandes impactos psicológicos, com isso, a psicologia pode rever suas antigas certezas relacionadas ao ser humano e abranger diferentes olhares sobre esses novos fenômenos.

**Palavras-chave:** Contemporâneo. Subjetividade. Compreensão. Psicologia.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 COMPORTAMENTO HUMANO NA PÓS-MODERNIDADE.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Pós-modernidade e negatividade no cotidiano do indivíduo.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2 Pós-modernidade e positividade no cotidiano do indivíduo.....</b>	<b>26</b>
<b>3 PROCESSO DE PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA PÓS-MODERNIDADE</b>	<b>31</b>
<b>3.1 Pós-modernidade e o indivíduo social.....</b>	<b>34</b>
<b>3.2 Conflitos e crise de identidade pós-moderna.....</b>	<b>35</b>
<b>4 A PSICOLOGIA NO NOVO CONTEXTO PÓS-MODERNO .....</b>	<b>40</b>
<b>4.1 Mudanças sociais ligadas ao interesse da Psicologia.....</b>	<b>41</b>
<b>4.2 A contribuição da Psicologia Social no contexto pós-moderno.....</b>	<b>44</b>
<b>4.2.1 A construção de novos valores: um desafio para a Psicologia.....</b>	<b>45</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma reflexão sobre a situação da sociedade pós-moderna e os desafios que se põem à Psicologia diante desse novo cenário social. No mundo contemporâneo, os problemas psicossociais se apresentam de diferentes modos: a família e outras instituições se configuram de outra forma. Se, nas últimas décadas do século passado, a Psicologia Social construiu um arcabouço teórico para compreender e enfrentar os problemas psicossociais, na maioria das vezes, ligados às minorias e às instituições, hoje esses problemas são configurados em outro contexto: o da pós-modernidade.

A pós-modernidade começa com grande êxito, invadindo a vida do ser humano com tecnologias eletrônicas de massa e individual. Segundo Santos (2000), essa demanda acaba saturando, com informações, diversões e serviços. A grande quantidade de informações está causando um transtorno pós-moderno, sendo embutido, cada vez mais, a cada instante, à tecnologia. Isso acaba originando uma verdadeira programação no cotidiano do sujeito.

Em relação à economia, a sociedade pós-moderna deu força à sociedade de consumo personalizado, reduziu o sujeito ao prazer de usar bens e serviços disponibilizados com muita facilidade e rapidez. Assim, os indivíduos podem ter acesso a essas tecnologias de informações.

Hoje, pode-se dizer que as grandes empresas, que funcionavam em galpões grandes, sujos e sombrios, na época moderna, produzindo o produto de consumo, foram trocadas por shoppings coloridos, produtos diversificados, ambientes luminosos, conhecidos como os grandes altares da pós-modernidade. Portanto, a pós-modernidade torna-se ameaçadora por embutir estilos de vida e filosofia que acabam induzindo o indivíduo a um modo de vida de insegurança, de pressão psicológica, com ausência de valores. A vida perde o sentido levando-a um vazio, a um nada. (SANTOS, 2000).

Na passagem do moderno para o pós-moderno, deixa-se o passado e volta-se para o futuro. Segundo Santos (2000), nessa passagem, o ser humano deixa para trás os grandes ideais da modernidade. O homem moderno valorizava a história, o desenvolvimento, a arte e a consciência social para se salvar, enquanto que, na pós-modernidade o indivíduo dá adeus a essas “ilusões”. Entende-se,

finalmente, que o céu é uma utopia ou uma fantasia, ao passo que Deus não é a salvação, nem um sentido para a história; assim, entrega-se ao presente, ao prazer, ao consumo e ao individualismo. O indivíduo torna-se hedonista, ou seja, a busca pelo prazer individual, achando este, ser a finalidade da vida.

A pós-modernidade é baseada nas informações de massa. A tecnociência, o consumo, a arte e a filosofia estão no entorno do homem emergente e/ou decadente. Fazendo com que recue a tradição, a religião, a moral e novos valores são colocados, mais livres, mais voltados ao progresso social, mobilizando-os ao consumo.(SANTOS, 2000).

Prosseguindo, o autor diz que as conseqüências da mudança na pós-modernidade trouxeram traços para a nova vida do indivíduo, entre elas a perda de qualquer senso ativo de história, seja como esperança ou como memória, seja positiva ou negativa. O mundo está unificado eletronicamente, e isso acontece em todas as partes, como um espetáculo diário, instalando-se uma geografia substituta nas consciências, onde o sistema é manuseado por redes circundantes de capital multinacional e acabam ultrapassando a capacidade de qualquer percepção.

Entre modernidade e pós-modernidade, pode-se dizer que há mais diferenças que semelhanças. O individualismo já estava presente na sociedade moderna, mas seu modo de vida narcisista foi exacerbado na pós-modernidade, que desfaz princípios, valores, regras, entre outros, embute uma mistura de várias tendências e estilos de vida. Portanto, iniciou-se, desde a modernidade, o processo que gerou massa industrial, formou indivíduos mecanizados, solitários, individualistas e, em muitas questões, desumanos, perpetuados até os dias atuais.

A concepção de sujeito pós-moderno, como coloca Damergian (2001), é a de um narciso autocentrado, sujeito este voltado para a realização de seus prazeres, desejos a qualquer preço; aquele que se acha capaz de competir e vencer, não importando como fará para conseguir seu objetivo. Vive num mundo competitivo, que acaba deformando a realidade, e inverte os valores, ou seja, o indivíduo valoriza as pessoas pelo que possuem e não pelo que elas são. Então tem informações, mas pouco conhecimento e liberdade de pensamento.

Santos (2000), com todos esses valores e a rapidez de informações a todo o momento, o indivíduo acabou tornando-se um monte de células nervosas que acabam processando mensagens e pensamentos fragmentados. Segundo Petraglia (2002), se o pensamento for complexo, torna-se responsável pela

ampliação do saber; se for fragmentado, produz um conhecimento mais simplista. O pensamento complexo devia, então dar conta de compreender a pós-modernidade.

O sujeito pós-moderno fica sempre submetido a um bombardeio de informações, e em muitas situações fragmentadas. Como consequência acaba não se formando num todo, acaba entrando numa “crise de identidade”. Vive num ambiente de vida em estresse constante. (HALL, 2001).

Neste contexto, o autor citado, questiona as mudanças conceituais de acordo com alguns teóricos, em que o sujeito do Iluminismo<sup>1</sup> era visto como um sujeito do qual sua identidade era fixa e estável, mas no decorrer do tempo, com as transformações descentradas, acabou resultando em identidades abertas, contraditórias, inacabadas e fragmentadas, o que constitui o do sujeito pós-moderno.

Santos (2000) diz: com esse modo de vida, diante de tantas informações, o sujeito acaba tendo uma vida sem projetos, sem ideais, a não ser que em muitas situações, termine cultuando a própria imagem e busque a satisfação no aqui e agora, apoiando-se nos objetos (deixando o lado humano), na matéria (esquecendo o lado espiritual), no momento (sem pensar no futuro). O indivíduo torna-se frívolo, pouco crítico. Tornando-se indivíduos narcisistas e vazios, apáticos, desenvoltos, podendo resumir a tudo isso a uma crise de valores pós-moderno.

A arte é um exemplo fidedigno usado por alguns autores. Estes fazem uma amostragem das mudanças que ocorreram da modernidade para a pós-modernidade questionando sobre os movimentos e manifestos futuristas que deram início à modernidade. A arte deu um “não” ao passado. Contra regras antigas e castradoras, trouxe uma nova visão de liberdade de experimentação. Precisava, segundo Santos (2000, p. 33), acabar com a estética tradicional (conjunto de normas e valores, numa determinada época, onde o artista devia criar e o crítico julgar). “A estética colocava a arte como representação realista da realidade”. A estética tradicional da modernidade, contudo, acaba fracassando, quando se depara com um mundo, cada vez mais, confuso que é a pós-modernidade, onde o indivíduo se encontra cada vez mais fragmentado. A partir disso, novas linguagens deveriam

---

<sup>1</sup> Esse termo iluminismo está relacionado ao esclarecimento. O século XVIII também é chamado século das luzes e do iluminismo.

A origem desse movimento de nome iluminismo começou na França. O iluminismo combatia o antigo regime sócio cultural da Europa. A educação estava sob o controle da igreja. Isto não era bem visto pelos novos pensadores, os iluministas, pois para eles a igreja ensinava uma filosofia arcaica. Isto tornava a sociedade ignorante, fanática e submissa. Este século, mostrou uma nova maneira de pensar. Para o iluminista a razão era o mais importante, ela comanda todo o processo de conhecimento. Principais filósofos do iluminismo: Montesquien, Voltaire, Jean Jacques Rousseau, Denis Diderot e Jean Lê Rond ‘D’Alembert.

surgir, para que o indivíduo pudesse interpretar livremente a realidade.

Não podemos esquecer que na era moderna o indivíduo também era controlado e iludido. A sociedade industrial não era justa, tratava com desigualdade, interesse e egoísmo. E os movimentos e manifestos utilizados através da arte pelo modernismo, foi um movimento de crítica à sociedade industrial moderna, com suas tecnologias, suas verdades e certezas.

Assim, define-se para a maioria dos autores utilizados na construção deste trabalho, que a pós-modernidade seria a perda da credibilidade “uma vez que a ciência atrelou-se ao capitalismo, ao Estado e a verdade ficou reduzida ao desempenho, à eficiência”. (LOMBARD, 2003, p. 4).

A grande preocupação trazida pelos autores são os estragos que a pós-modernidade acarretou ao indivíduo e à sociedade atual. A pressão psicológica acabou deixando o sujeito perdido, não conseguindo definir entre o certo ou o errado. Em função disso, ele toma atitudes sem ter consciência das conseqüências que levará para a vida. Vive-se em uma sociedade pós-moderna, apegada a razão e, ao mesmo tempo que, despreza os sentimentos e a importância do desenvolvimento afetivo.

Damergian (2001) diz estar aumentando cada vez mais o sentimento de desamparo que acaba atingindo a todos, e tudo isso acaba trazendo uma visão dolorosamente clara sobre o legado da humanidade para o futuro. Isso obriga a pessoa a refletir sobre os caminhos lastimáveis por que está sendo conduzido, na tentativa de buscar novos rumos com pretensão de levar a uma revalorização do ser humano.

A construção deste trabalho foi motivado quando ocorreu, no Brasil, um grupo de pessoas (alguns adolescentes tiveram participação) consideradas pela sociedade como bandidos da favela. O grupo invadiu uma certa rua da cidade do Rio de Janeiro, onde pararam um ônibus que fazia rota naquela rua. Entraram armados, ameaçaram o motorista e os passageiros, jogaram produtos infláveis e incendiaram o ônibus. Um dos responsáveis por este terror tinha apenas treze anos de idade.

Quando detidos pela polícia, foram feitas várias investigações e, entre estas, um dos investigadores falou, em rede nacional, que, durante seus trinta e cinco anos de profissão, nunca tinha até então se deparado com esta situação: um ser humano que não possuía nenhum tipo de sentimento.

Em sua entrevista com o adolescente envolvido no crime, não conseguiu formular perguntas, nem entrar no mundo dele para conseguir algum tipo de informação. Segundo o investigador, era um mundo que ele jamais poderia imaginar que existisse na vida de um ser humano. Pessoa vazia, sem nada de sentimentos como se fosse “oca” por dentro, sem perspectiva alguma de vida.

O ato cometido pelo adolescente não pode ser explicado com poucas palavras, pois segundo o investigador, para o grupo, foi algo normal morrerem pessoas civis e inocentes. Não se via nenhuma expressão no rosto do sujeito, nenhum sentimento de arrependimento. Caso se ache no direito de repetir esse ato, fá-lo-á sem o menor ressentimento.

A Psicologia vem estudando esse processo de mudanças que acontecem com muita rapidez na vida cotidiana do indivíduo, principalmente, as mudanças relacionadas aos sentimentos. Este estudo é de grande importância para o aprofundamento do conhecimento e da compreensão neste novo contexto.

Segundo Leitão, a psicologia (2003), pode trabalhar com outros olhares no novo modo de vida trazido pela pós-modernidade. A visão tradicional já não está mais dando resultado para a Psicologia nos dias atuais, até então construída para compreender a existência humana nessa nova ordem social.

Para responder às questões apontadas e discutidas neste contexto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e exploratória. Foram adotados - como fundamentação teórica - autores e obras que dialogam sobre os temas: comportamento; modernidade; pós-modernidade; subjetividade; identidade; consumo; condição social e psicologia.

Na primeira parte deste trabalho, onde se caracteriza a pós-modernidade e seu novo contexto social, ocorre uma reflexão sobre a mudança de comportamento do ser humano na visão de Santos (2000) e entre outros autores. Esses movimentos estão trazendo inúmeras transformações na sociedade e também um grande desafio para a Psicologia. A segunda parte caracteriza a produção da subjetividade na pós-modernidade e, por fim, uma síntese, onde consta uma reflexão entre a tese e a antítese, relacionando as grandes mudanças na vida cotidiana do ser humano na contemporaneidade e a contribuição da Psicologia nessa era de transformações.

## 2 COMPORTAMENTO HUMANO NA PÓS-MODERNIDADE

A velocidade e a abrangência das mudanças, na vida atual do ser humano estão centradas nas discussões que travam sobre modernidade e pós-modernidade, trazendo grandes mudanças sociais em todas as instâncias, desde as formas políticas até ao comportamento da humanidade. (FRIDMAN, 1999).

A modernidade era vista, segundo Georgen (2005), como uma época em que a humanidade estava bastante avançada, tinha o controle da sua própria história e da natureza. O homem possuía como perspectiva, o caminho correto do progresso e da perfeição. Essa perspectiva era ilusória, idéia que o poder daquela época queria que os homens acreditassem. Uma ilusão que, por muito tempo acreditou-se, e que fazia parte do cotidiano. Nem tudo era perfeito e o progresso era a ideologia do Estado. Essa se propaga até nos dias de hoje, só que, na atualidade, é mostrada com mais clareza.

Segundo Kumar (1997), para compreender e examinar o pós-moderno, faz-se necessário, entender em primeiro lugar, o significado do moderno.

Pode-se compreender e classificar modernidade como uma designação abrangente a todas as mudanças: intelectual, social e política. Ela é uma invenção da Idade Média Cristã, e que este fato deveria ter estabelecido um contraste nítido com o mundo antigo. Assim, o mundo antigo era pagão, envolvido por trevas, enquanto o moderno cristão, quebra o paradigma, trazendo Deus entre os homens sob a forma de seu filho (Jesus Cristo) e atribuindo, pela primeira vez, um significado à história. “O cristianismo deu novo alento à idéia de tempo a história. Derrubou a concepção naturalista do mundo antigo”. (KUMAR, 1997, p. 80).

A Pós-modernidade, segundo Santos (2000), nome aplicado às grandes mudanças que ocorreram na ciência, na arte e na sociedade, evoluiu a partir da década de 50, com a arquitetura e a computação. Nos anos 60, a pós-modernidade engloba a arte pop e, nos anos 70, dá um grande passo, quando entra pela filosofia como crítica da cultura ocidental. Hoje se encontra madura, englobando moda, cinema, música, entre outros. O cotidiano é programado pela tecnociência e, querendo ou não, tudo isso acaba invadindo a vida do indivíduo desde alimentos até microcomputadores, dando liberdade de acesso a esses novos experimentos.

Na visão de Escobar (2002), os seres humanos não são possuidores

dessa tal “liberdade”, são apenas contratos, ou seja, o que a sociedade define que seja, não podendo pensar a não ser nas categorias que recebeu e, como resultado, não tem mais a pretendida autonomia do homem moderno. Para o autor, esse período se destaca como um dos mais depreciativos da humanidade e também da sociedade, de um modo geral, resultado das grandes contradições sociais, trazendo grandes desafios para a vida cotidiana. Alterando de um modo ou de outro: o comportamento do ser humano.

Na modernidade, segundo Escobar (2002), o ser humano era considerado autônomo, independente, seguro de si e com possibilidades racionais ilimitadas. Era um homem íntegro, otimista e com identidade definida. Para o autor, então, essa era a idéia que se tinha do homem, mas era só a idéia, pois o homem nunca se sentiu dessa forma “autônomo”, e as possibilidades que lhe eram “dadas” na prática, não ocorriam. Aparentava ser um homem seguro de si, mas também era possuidor de conflitos internos, psicossociais. Só que isso não podia ser escancarado; assim, era mostrado sob uma visão contraditória.

Ao passo que a modernidade era um manifesto de auto-suficiência humana e de auto-gratificação, o pós-modernismo é uma confissão de modéstia e até de desesperança.[...] Não há uma civilização privilegiada (nem cultura, crença, norma e estilo), há somente uma multidão de culturas, de crenças, de normas e estilos. Não há uma justiça universal, há apenas interesse de grupos. Não existe uma grande narrativa do progresso humano, há apenas histórias incontáveis, nas quais as culturas e os povos se encontram hoje. Não existe a realidade simples nem uma grande realidade de um conhecimento universal e objetivo, existe apenas uma incessante representação de todas as coisas em função de tudo a mais. (ESCOBAR, 2002, p. 25).

Harvey (1998) e Bauman (1998), buscam construir categorias globais para dar sentido à época pós-moderna. Enfatizam o modo de produção capitalista como principais categorias de análise, alegando as condições pós-moderna de produção de conhecimento. Para tanto, a visão dos autores, a pós-modernidade é um conjunto de alterações objetivas na ordem econômica do capital, ou seja, uma nova época do capitalismo tardio – onde é dirigida por uma lógica de funcionamento global que perpassa as diferentes esferas da vida humana e dá coesão às mesmas.

Na contemporaneidade, não vigora mais a lógica da produção industrial e conseqüente divisão entre as classes trabalhadoras e produtoras. A economia acabou-se expandindo para todos os níveis do viver humano, inclusive a cultura.

Portanto, para Harvey (1998), de acordo com Bauman (1998), consideram a lógica da pós-modernidade, como a lógica cultural do capitalismo tardio. A cultura tornou-se coextensiva à economia, não podendo mais pensar como expressão autônoma na nova ordem social. Sendo assim, essa expansão capitalista acabou estruturando uma sociedade em torno do consumo de bens materiais, de informação e de cultura.

Segundo os autores, essa expansão acabou propiciando a intensificação da produção em massa, uma distribuição mais rápida e uma circulação veloz do capital resultante de suas vendas. Assim, para Harvey (1998) e Bauman (1998), a lógica pós-moderna de produção, é, portanto, flexível, ágil e passível de constantes modificações. Todo esse processo contribui, em sua análise, para o aumento do consumo a níveis inesgotáveis, fazendo com que o sujeito viva em torno desse consumo.

Não podendo esquecer que, o meio de comunicação segundo Duarte (2003), tem colaborado para isso. É construído uma imagem para a venda dos produtos, persuadindo ao consumo de massa.

Bauman (1998), diz que todas as sociedades sempre consumiram, mas para ele o que caracteriza a sociedade contemporânea com sociedade de consumo, é a ênfase dada a esse consumo. A sociedade moderna definia sua rede de sociabilidade em torno da capacidade de produção. Já na pós-modernidade, a organização social se dá mais pela capacidade e pelo desejo de consumir. Gerando assim, um consumo desenfreado. O sujeito acaba se perdendo dentro de um sistema que possibilita tanta facilidade e praticidade, onde a mídia auxilia na construção de um mundo de ilusões.

Dentre os autores pós-modernos, segundo Leitão (2003), Bauman (1998) é aquele que mais se detém na categoria consumo. É considerado por ele, como um fator de referências e de organização da sociedade pós-moderna.

Algumas concepções, segundo Duarte (2003, p.14) destacam-se na pós-modernidade e podem ser indicadas como referências: a sociedade da imagem e a do conhecimento. “O conhecimento nunca esteve tão acessível como hoje, isto é, vivemos numa sociedade na qual o acesso ao conhecimento foi amplamente democratizado pelos meios de comunicações”.

Pode-se afirmar, segundo Duarte (2003), que se vive em uma cultura dominada por imagens, onde a mídia tem um papel fundamental na produção de



narrativas, que criam esse mundo de ilusões, embutidas na sociedade prontas, esquematizadas, para que o indivíduo, em primeiro momento, acredite nessa produção e leve isso para sua vida. Esse é o meio mais fácil de iludir e lucrar com a sociedade de massa. Acaba-se, com isso, atingindo os diversos aspectos psicossociais do indivíduo, pois é produzida uma realidade à parte. Tudo isso cria um grande espetáculo no cotidiano do indivíduo, como os conflitos afetivos, familiares, amizades, ou seja, tudo que envolve o ser humano.

Essa nova cultura acaba induzindo o indivíduo a ir à busca de experiências novas (podendo ser positiva ou negativa, vai depender da intensidade que cada um vai vivenciar), não tendo a mínima noção das conseqüências que acarretarão, tanto no presente, como em seu futuro. (SANTOS, 2000).

Pode-se citar, como exemplo, o que ocorre, nos dias de hoje, utilizados pela mídia, através de novelas, filmes e propagandas comerciais. Esses meios de comunicação dão um retorno muito mais rápido para o consumismo. Dessa forma, ela não só comunica como também constrói uma idealização fora da realidade, destruindo todo e qualquer sentido de realidade. Segundo Kumar (1997), torna-se puramente um mundo de simulação, uma geração criada através de modelos, de um real sem origem ou realidade, onde o sujeito, em seu cotidiano, acaba não conseguindo mais distinguir o ilusório do real e, menos ainda, o verdadeiro do falso. Isso faz com que se distancie, cada vez mais, da sua realidade: aquilo que dá sentido à sua vida e faz dele um ser realizado. Para Gusmão, (1999), é como se o indivíduo corrompesse o que existe de mais essencial nele, indo à busca de certo status, acreditando que ganhará condição para ser reconhecido e valorizado socialmente.

A busca pela perfeição e pela beleza trazida pela mídia levam o ser humano ao máximo de suas condições. Parece evidente que tais valores, aos poucos, foram se transformando. O que antes era reprimido ou retido aos indivíduos, hoje se transmuta na busca, muitas vezes desenfreada, do prazer e da diversão como metas da vida. Os adolescentes, principalmente, parecem perdidos nessa busca.

Entre os exemplos que podem se citar, nos auge do nosso cotidiano, estão jovens adolescentes que, em busca de seus ideais, tornam-se pessoas doentias. Cita-se, ainda, algumas dessas doenças modernas, como bulimia e anorexia (não se questiona a doença em si, mas o que está por trás disso), que

fazem parte no novo âmbito social da era contemporânea.

A busca por um ideal que, nesse caso, é a beleza corporal, faz com que as adolescentes que se encaixam neste contexto, passem por um processo deprimente. Assim, isolam-se, mentem para pais e amigos, acreditam plenamente que serão mais realizadas, mais aceitas pela sociedade, esquecendo que para tudo isso haverá um preço. São esses valores que foram embutidos no cotidiano. Acabam deixando o indivíduo sem nenhuma estrutura para poder lidar com essa exigência da sociedade. Sem saber do seu limite, tanto físico como mental, acabam perdendo a noção do perigo que isso traz e, em muitos casos colocam em risco à própria vida.

Sendo assim, segundo Gusmão (1999), pelo fato de o indivíduo negar seus próprios valores humanos, ele vai se tornando uma pessoa ansiosa e infeliz, sem objetivos pessoais significativos à sua vida, amargo e negativista. Seu potencial acaba se perdendo, sem expressão, no emaranhado de uma sociedade considerada opressora que tem lhe proporcionado poucas possibilidades de realização, de felicidade.

Para Kumar (1997), são essas turbulências de informações desconstruídas com a realidade que fazem com que o sujeito se perca dentro de sua própria identidade. A pressão psicológica é tão forte que o sujeito se encontra perdido, pois se tudo é tão fácil como mostra a mídia, e questiona-se por que, no seu real ele não tem essa facilidade, tudo se torna demorado e difícil, só tendo acesso uma minoria. Com isso, quando o sujeito traz esse mundo para sua vida, acaba encontrando-se, em muitos casos, sem saída, atolado em dívidas, e, em outros casos, acaba frustrado por não conseguir alcançar a felicidade.

Portanto, a sociedade do conhecimento é vista pela disseminação do conhecimento a todos os planos de vida social, e isso acaba se tornando relevante no comportamento, na rotina e no cotidiano. Idealizando que os homens controlariam seu destino e alcançariam a felicidade. Mas, voltando à realidade, acabariam sendo levados para um mundo fora do controle, causando amplas consequências num geral, como: econômica, política, cultura e principalmente a subjetividade. (FRIDMAN, 1999).

O mundo, segundo Leitão (2003, p.425), se encontra “simultaneamente, de uma maneira ou de outra, diante de problemas gerados pelo acelerado desenvolvimento”. As soluções econômicas, políticas e sociais dependem, antes de

tudo, "de uma perspectiva de integração global desses problemas por parte de todos os países, envolvendo um sentimento global de humanidade".

Esses riscos gerados pelo desenvolvimento (organização capitalista, produção e consumo, conflitos sociais, etc.), segundo Leitão (2003), pode-se dizer que são os principais aspectos que levam a uma nova definição de sociedade e a um novo conceito de modernização. Assim, segundo a autora, a sociedade contemporânea pode ser mais entendida a partir desse conceito de sociedade de risco. Passando a perceber com, maior ou menor grau. Surge nova necessidade de cooperação e de entendimento global, com intuito de controle dos riscos gerados por esse desenvolvimento.

[...] o mundo sempre enfrentou riscos, mas as soluções para os mesmos eram encontradas dentro da bagagem de tradição que recebíamos através da cadeia de gerações. Os atuais efeitos colaterais da modernização são, entretanto, distintos daqueles que outras gerações enfrentaram. Não temos experiências anteriores que nos orientem sobre o que fazer diante deles. Para conviver com isso, nos voltamos para as tradições acumuladas e para a rede de conhecimentos recentemente produzidos, refletindo sobre as mesmas e criticando-as. (GIDDENS, 1999, apud LEITÃO, 2003, p. 425).

Sendo assim, para Leitão (2003), o sujeito da sociedade contemporânea está tendo que construir e aprender novos valores, costumes e tradições em função dessa nova referência social.

Expressão modernidade reflexiva à pós-modernidade, mostram que esse processo incrementa o potencial destrutivo envolvido na relação dos homens com natureza e dos homens entre si a níveis nunca imaginados, o que diferem o mundo atual das sociedades pré-modernas. (GILDENS; BECK e LASCH, 1997, apud FRIDMAN, 2003, p.4),

Assim, a era pós-moderna, segundo Santos (2000), coloca estilos de vida e de filosofia, embutindo, na sociedade, uma idéia tida como arqui-sinistra: niilismo (descrença em um sentido para a existência; redução a nada), o vazio, a ausência de valores e de sentido para a vida. Em muitas situações, então, perdem o medo, achando que tudo, na vida, é como se passa num filme, podendo fazer e acontecer. Em alguns casos, a situação fica tão delicada que o indivíduo, por estas e muitas outras razões, acaba cometendo suicídio.

Acredita-se que, nesse ponto, Santos (2000) tenta mostrar essa situação quando coloca a ausência de valores, de sentido para a vida. O indivíduo reproduz na sua vida e não vive com emoção, amor, satisfação. Damergian (1996a) coloca

que a vida do indivíduo é como se fosse um palco onde ele vive o personagem dependendo do que a sociedade está pedindo e do que o próprio sujeito necessita ou fantasia.

Sendo assim, pode-se chamar esse processo de mudança como crise de identidade, amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e também abalando os quadros de referências que dava ao sujeito uma bagagem estável no mundo social. (HALL, 2001).

Para o autor, nessa questão da mudança da modernidade para a pós-modernidade, até então, o indivíduo era visto como um sujeito unificado, e velhas identidades fizeram parte da estabilidade no mundo social por muito tempo; já na pós-modernidade entram em declínio, e uma nova era faz surgir novas identidades mais fragmentadas.

## **2.1 Pós-modernidade e negatividade no cotidiano do indivíduo**

A pós-modernidade, segundo Santos (2000), associa-se à perda dos grandes ideais, como: os valores, Deus, razão, sentido, totalidade, ciência, sujeito, consciência, família, etc., abalando substancialmente a vida do indivíduo. Não sabe mais o que é certo ou errado, o que pode ou não pode fazer, trazendo acréscimo constante de descrença em um sentido para sua existência. Fala-se de uma cultura que abala e deixa os indivíduos constantemente inseguros em relação ao futuro.

A tecnologia invade suas vidas com mil artefatos e serviços, não oferecendo qualquer valor moral, além do hedonismo, ou seja, o indivíduo acaba internalizando essa invasão de novidades oferecidas e passa a entender e utilizar isso no seu dia-dia. Busca o prazer imediato, individual, como única e possível forma de vida moral.

A mídia, segundo Santos (2000), e de acordo com Harvey (1998), também tem mostrado constantemente notícias sobre ameaças nucleares, desastre ecológicos, terrorismo, crise econômica, corrupção, neurose urbana, entre outros. Essas informações acabam ficando embutidas inconscientemente, fazendo com que o sujeito absorva tudo isso, fazendo-o sentir-se desorientado, atordoado. Essa pressão deixa o ser humano em total insegurança e medo, que acaba reagindo, em

certas situações, com violência extrema, perdendo a razão de seus atos. Casos acontecem, quase que diariamente em todo o Brasil, como atitudes de certos motoristas diante de um congestionamento e/ou um acidente, em que, quando estão armados, sua primeira reação é atirar no outro sujeito envolvido, sem ter noção de que podem matar ou ferir a pessoa envolvida e também pessoas que não fazem parte da cena, apenas por estarem passando no local.

Morin (2005) e Santos (2000) trazem a questão da pressão psicológica no cotidiano pós-moderno como uma eterna guerra de violência psíquica, ficando bem claro que se está defrontando com isso sem saber se terá um fim. Cada vez mais, o indivíduo torna-se fragmentado, vivendo sob total estresse psicológico. Forma-se, por isso, inimigo um do outro por viver diariamente na competição em tudo que o envolve, tornando-se uma verdadeira agonia. Essa competição ocorre pelo melhor cargo na empresa, pelo melhor carro, pela beleza física, por estar na moda, dentre outras. Segundo Gusmão (1999), é um jogo de poder presente nas relações, fazendo de alguns opressores e de outros oprimidos que, vivem em uma ação própria daqueles que usam o poder para subjugar seres humanos.

Nessa guerra diária, o indivíduo se defronta com explosões de ódio, de vingança, envolvendo-se em luta quase constante em busca de uma definição para sua existência. Acaba, pois, fazendo um emaranhado de idéias, distorcendo seu pensamento e envolvendo-se em crenças religiosas, raças e, principalmente, ideologia, com intuito de transferir aos outros o seu ódio, a sua incompreensão.

Não se sabe se o sujeito vive apenas a agonia de um velho mundo em que se anuncia um novo nascimento ou se encontra perdido na busca desse um novo. (MORIN, 2005).

As colocações anteriores se dá pelo fato em que o homem sentiu-se abandonado no universo, acabou projetando valores que acalmassem a sua tristeza e angústia e justificassem a sua própria existência. “Quem se preocupa com essas verdades? Quem busca a idealização de uma vida eterna? Buscar novos valores, bases mais sólidas?” Infelizmente podemos falar que isto ficará apenas na idealização de alguns filósofos. (SANTOS, 2000, p. 75).

O mesmo autor diz que, enfim, percebe-se, na vida pós-moderna, que o indivíduo oferece flexibilidade nas idéias e nos costumes, mas vive no conformismo, sem ideais. É consumista assíduo e possui consciência de que é reduzido pelo sistema, atomizado, ou seja, fragmentado e participa sem se envolver

profundamente.

Estas mudanças, segundo Santos (2000, p.90), para muitos sociólogos são consideradas como “deserção do social. É como se tornar deserta uma região”. Pela falta de mobilização, o neo-individualismo pós-moderno, que não tem nenhum compromisso “ao não tenho nada com isso, vem esvaziando as instituições sociais”. Hoje essas instituições sociais já não mais orientam o comportamento individual, dando um enfraquecimento principalmente em países avançados. A deserção, colocada por Santos (2000, p. 90), “é uma sacação nova da massa. Não é orientada, nem surge conscientemente, como também não visa à tomada do poder, mas pode abalar uma sociedade”.

Santos (2000), pontua esse fato como esvaziamento, onde novas atitudes foram substituídos por valores tradicionais. Alguns exemplos serão citados, como:

- deserção da história: o indivíduo vive sem as tradições do passado e sem projeto de futuro, contando somente com o presente e, em vez de o indivíduo crer e atuar na história, apenas se concentra em si, alienado ao seu próprio ser, privatizando sua vida. Na modernidade dava-se grande valor à história, enquanto que a pós-modernidade acabou esfriando-a, colocando num sistema isolado, sem interesse e sem rumo;
- deserção política e ideológica: descrença do indivíduo na política faz com que a sociedade de massa dê as costas às grandes causas. Seus ideais ficam voltados às conquistas materiais, ao prazer e ao imediatismo. Participam nas eleições através do voto (como por obrigação), não lutam pelo seu ideal;
- deserção da família: a família, na pós-modernidade, não está sendo mais o foco da existência individual. Sai-se cedo de casa e chega-se tarde a ela. Não sobra mais tempo para reunirem-se a uma conversa familiar, não se sentam à mesa para uma refeição e/ou um café. O mundo dos filhos fica reduzido entre quatro paredes (seu quarto). O indivíduo descasa-se com muito mais facilidade e se reproduz muito menos. No lugar de uma família guardiã moral da modernidade, onde se encontrava apoio psicológico, o sistema oferece ligações abertas chamadas de “ficantes”(envolvendo-se com outra pessoa sem compromisso);
- deserção da religião: a pós-modernidade mostrou-se como o túmulo da fé. As

religiões antigas são substituídas por pequenas seitas vistas sem futuro. Os indivíduos procuram credos menos coletivos, mais personalizados como budismo, yoga (procura o budismo e yoga não como uma ação universal, mas como um instrumento para resolver seus problemas pessoais e imediatos). Como se vê, o homem pós-moderno não é religioso, mas visto como um ser sem crença, sem esperança. O lado material é a parte fundamental para a sua realização, os valores humanos quase não têm espaço no novo modo de vida.

A busca dessas conquistas leva o indivíduo a um estado de perda de sensibilidade, de capacidade de percepção da vida num todo, do homem como ser sensitivo, afetivo e emocional. Segundo Santos (2000, P. 95), “ É psicológico – pensa mais na expansão da mente que na salvação da alma”. O autor refere-se a um ser psicológico pela demanda de terapia psicológica em várias abordagens oferecida para o indivíduo na questão emocional.

O sujeito, sem progredir uma identidade única, harmoniosa, vive a vida justapondo lado a lado suas vivências. [...] vivências pequenas, fragmentadas, porque não se crê mais em totalidades, valores.[...] Assim posto, enfim, o pós-modernismo continua a flutuar no indivisível. Não há como dividir. Fim do moderno e começo do pós-moderno.[...]. (SANTOS, 2000, p. 111).

Bauman (1998) coloca em seus discursos o que realmente mudou: a modernidade sólida deixa de existir e, em seu lugar, surge a modernidade líquida. A sólida seria justamente a que vê início com as transformações clássicas e o advento de um conjunto estável de valores e modos de vida tanto culturais como políticos. Na modernidade líquida, tudo é volátil, as relações humanas não são mais tangíveis e a vida em conjunto (familiar, de casais, de grupos de amigos, de afinidades) perde consistência e estabilidade. Essa reflexão de Bauman está, de algum modo presente no livro Harvey (condição pós-moderna), onde ele cita Marx:

[...] Denominarei esse corpo de experiência ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar.’(HARVEY, 1998, p. 21).

Para Zajdsznajder (2002), as ameaças acabam estabelecendo um estado espiritual presente causado por duas possibilidades extremas: o terror e o êxtase. Aquele, pelas ameaças que apresentam essa massa de informações e conhecimentos; deste, porque se pode viver (quase) tudo que se quer. Diante de uma vida sem claras definições e de perceber que muitos valores foram perdidos, constitui-se um quadro de ansiedade, medo, angústia e de depressão para o indivíduo, por perceber que vive num novo mundo onde está diante de uma liberdade e onde ele próprio pode fazer suas escolhas, e nessas o indivíduo tanto pode morrer de exaustão (entregar-se as possibilidades), quando se isola (nega a tudo isso).

Uma liberdade aparece quando o ser humano dispõe das possibilidades mentais de fazer uma escolha e de tomar uma decisão e quando dispõe das possibilidades físicas ou materiais de agir segundo a sua escolha e a sua decisão. Quanto mais apto a usar a estratégia na ação, ou seja, a modificar, no meio do caminho, um roteiro inicial, maior é a sua liberdade. (MORIN, 2005, p.269).

Besnier (1996) coloca que a sociedade atual acaba produzindo o indivíduo na sua autonomia e o expõe ao mesmo tempo. Ele acaba submetendo-se às ordens exteriores, e isso o leva a assumir opções de vida, opções que, no passado, não existiam. Assumir essas escolhas se sentirá responsável por ela. Em muitos casos, o indivíduo sente-se obrigado aceitá-la, logo começando a sofrer suas conseqüências. Isso porque, quanto maior for a liberdade, mais o indivíduo interiorizará determinadas obrigações que farão com que sintá-se, cada vez mais, oprimido por pagar esse preço pela liberdade.

## **2.2 Pós-modernidade e positividade no cotidiano do indivíduo**

Olhando por outro ângulo, segundo Santos (2000), e discordando de Besnier (1998) pode-se dizer que a pós-modernidade possui um lado positivo, o chamado “peste boa e saudável”. A pós-modernidade propõe a convivência entre todos os estilos e todas as épocas, deixando bem esclarecido ser um mercado variado que, não possui regras absolutas. Cada ser pode fazer sua escolha, desde



que, segundo Morin (2005), o sujeito disponha de possibilidades mentais para tomar tais decisões em sua vida.

Santos (2000), quando relata sobre a pós-modernidade, dispõe ao indivíduo várias opções, com várias facilidades e praticidades para consumir uma gama enorme de bens e serviços para todos os gostos e faixa etária. Com tudo ao seu alcance, cabe ao indivíduo escolher entre todas as opções e deixar-se envolver, ou levar isso para sua vida, marcando fortemente sua individualidade; resumindo, o sistema põe, e o indivíduo dispõe. O sistema, cada vez mais, triunfa, mas essa história não se torna tranqüila, pois, contra o sistema, têm surgido efeitos colaterais preocupantes.

Leitão (2003), diz que alguns desses efeitos são positivos para o indivíduo, este pode usufruir de muitos benefícios trazidos pelos desenvolvimentos econômico, científico e tecnológico, disponibilizados pelo sistema atual. Através dos instrumentos apresentados, pode-se conhecer melhor o mundo e auxiliá-los para viver uma vida melhor. Mas não se pode esquecer os efeitos colaterais resultantes da era moderna da sociedade.

A disponibilização de massa segundo Bauman (1998), está saturando o indivíduo, fazendo com que viva em torno do consumismo, esquecendo-se de fortalecer-se com outros valores. Para garantir o sistema, além do econômico, precisa também de outros valores para se manter essenciais para uma sociedade como: ética, história, família, religião.

Nós humanos, somos dotados de memória e de capacidade de aprender, por esse motivo, conferimos benefícios a uma boa organização do mundo. Habilidades aprendidas para a ação constituem poderosos bens num mundo estável e previsível. (BAUMAN, 1998, p.16).

Bauman (1998) coloca que o ser humano possui capacidade de se achar dentro do seu próprio ambiente natural e sócio - cultural, e que consegue atingir com sua capacidade intelectual a aprender a lidar com tudo isso. Consegue, assim, adequar-se às novas realidades que aparecem no seu dia-dia. Se o homem não tivesse essa capacidade de percepção, de consciência seria incabível ele sobreviver nesta era de várias mudanças. Para Zajdsznajder (2002), a aceitação deste tempo, com todas as disponibilidades de acesso ao indivíduo, pode-se considerar um momento histórico.

A identidade é bastante questionada, mas entende-se ser um tempo que está redefinindo como identidade. Essas características possuem um valor quase equivalente. Segundo Zajdsznajder (2002, p-48) “ seja inevitável dar algum destaque”. Mas, sendo assim, pode-se, então, discutir outros aspectos que se darão “como exemplo que trouxe muitos pontos positivos para a vida do indivíduo na pós-modernidade que são: identidade, liberdade, comunicação, modelos, diferenças, fronteiras e amplitude de horizontes”.

[...] Não só se questiona a identidade como identidade – na fixidez e na sua determinação – como também se dá precedência à experiência do fluir e da variação. Isso não significa que a identidade seja obrigada a desaparecer, mas o reconhecimento de que é, pelo menos uma questão de posição em contextos. Pode-se dizer que nem se assume a fixidez das visões modernas e antigas, nem se rejeita a necessidade de uma identidade. A meu ver, a pós-modernidade encontra-se à procura de um novo entendimento e de uma prática do que seja identidade, embora ainda esteja tateando. (Zajdsznajder, 2002, p-48)

Foram apontadas até então, várias características negativas da pós-modernidade. Não se sabe, contudo, esquecer o lado bom que a pós-modernidade trouxe para o indivíduo, como a *liberdade*, vivida de forma ampla, horizontal e/ou vertical, na vida privada e íntima de cada ser, embora pareça que o indivíduo encontre dificuldades para aprender a lidar com essa amplitude tão grande de liberdade. Isso ocorre por não saber, ainda, como relacionar a liberdade privada à social e à política. Antes, a liberdade relacionada ao modelo de existir era restringida ao grupo dominante, hoje realiza em todos os níveis sociais. (ZAJDSZNAJDER, 2002).

Outra possibilidade é a ampliação da *comunicação* e seu reconhecimento como um aspecto muito importante. Pode-se citar que esse fato foi muito forte na passagem da modernidade para a pós-modernidade, conhecida como a era da comunicação, tornando-se uma nova realidade, com mais peculiaridade e seus simulacros (representações sociais como elas são produzidas pela mídia e consumidas nas sociedades contemporâneas, onde fazem uma reprodução imperfeita da realidade). Dando uma nova relativização das experiências e de um novo sentido ao espaço e tempo, marcou muito no século XX quando foi reconhecida a importância da comunicação, marcando o pensamento nessa época, segundo. Zajdsznajder, (2002). A tecnologia, na ocasião, deu uma grande

aceleração, não só na produção dos conhecimentos como também na ampliação da vida do indivíduo.

Na modernidade, a ciência caminhava a uma curta distância da tecnologia, já, na pós-modernidade, vieram a trabalhar juntas, permitindo a ciência na produção de artefatos tecnológicos, mais tarde utilizados no desenvolvimento da ciência. Pode-se dizer que, nesse período, a humanidade viveu de fato, um momento de crescimento tecnocientífico.

Zajdsznajder (2002) fala sobre a aceitação das *diferenças* no modelo de vida do ser humano, outra característica da pós-modernidade. Essa aceitação não é generalizada ou tranqüila, mas está em processo avançado. Assim, a identidade pode ser mais claramente assumida, mudada ou questionada, podendo, ainda, trazer dificuldades e mesmo gerar confusão. Todavia isso significa a existência de uma democracia no espaço mais íntimo da humanidade. Pode-se dizer, então, que a experiência da liberdade, até então negada, reprimida ou suprida tem hoje, seu lugar reconhecido.

Outra característica da época pós-moderna, que também teve conseqüência na identidade, foi a redução e até a dissolução das *fronteiras*, possibilitando contatos e permissão a experiências até então negadas. Isso deu possibilidades a espaços nacionais em áreas de conhecimentos, papéis culturais e sociais, promovendo um enriquecimento da vida de suas atividades num geral.

Já na ampliação dos *horizontes*, na facilidade da comunicação, dos acessos e das variações, é oportunizado ao indivíduo estar em todos os lugares, viver todas as experiências e conhecer alternativas, dando acesso virtual, e este é considerado um elemento potencial na pós-modernidade.

Essa ampliação de *horizontes*, pode-se dizer, é a introdução de uma nova noção de realidade em que, na modernidade, isso poderia ser considerado como aterrorizante e representaria um declínio. Diz-se que essa possibilidade de horizontes é um vale tudo, podendo ser entendido de uma forma negativa, como falta absoluta de critérios e também como uma abertura a todas as experiências, permitindo alcançar sínteses até então impensadas. (ZAJDSZNAJDER, 2002).

Segundo o autor, essas características citadas podem confirmar-se como caráter ambíguo dessa transição pós-moderna. Segundo ele, essa época pode significar uma era de confusão, de declínio, de desvalorização da vida e da cultura. Mas para outros autores isso poderia significar a grande possibilidade de uma

generalização para a espécie humana, experiências que estiveram nas mãos apenas da elite, apesar de que, inquestionavelmente, se estar num momento de crise. (GOMES, 2002, p. 7) coloca que :

Nem tudo está errado (...) Aliás, há imensos valores e aspectos positivos no contexto da pós-modernidade em que vivemos (...) . A própria crise contém os valores que levam o homem a superá-lo. Precisamos saber resgatá-los e dinamizá-los de forma adequada.

Na transição, Zajdsznajder (2002) diz que podemos esperar uma grande dificuldade de lidar com essa avalanche que proporcionou e propôs a pós-modernidade. Seja real ou virtual, tudo está na mão do indivíduo, presente e, ao mesmo tempo, perdido; quer dizer, está na mão como informação e está perdido porque no mundo moderno e antigo foram desfeitas e hoje na direção em que está, não tem mais volta.

Positivamente, a pós-modernidade é uma nova concepção da razão e da racionalidade.

Não como elemento central ou único, mas abrindo-se à riqueza e à heterogeneidade da vida, irreduzível a toda forma de pretensão universalista. O pós-moderno pleiteia que o homem seja verdadeiramente livre e autônomo para determinar sua própria história e sua vida. (GOMES, 2002, p. 8),

Decorrente dessas idéias torna-se indispensável um processo de discernimento e uma lúcida formação da liberdade, visando a oferecer referenciais importantes para que o indivíduo possa viver em um mundo como esse, secularizado e pluralista, científico e tecnológico, fragmentado e mutante, na experiência da crise de tudo isso. (GOMES, 2002).

### 3 PROCESSO DE PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

Segundo Mancebo (2002), as ciências sociais e humanas têm dado uma importante atenção aos estudos e às pesquisas sobre a construção social do indivíduo, bem como às diferentes modalidades, através das quais a sociedade projeta as formas e os sentidos dos homens.

Trata-se de um empenho amplo e complexo, pois o homem encontra-se embutido numa cultura individualista, podendo-se definir como o interior de suas práticas e concepções, onde ocorre socialização e o ensinamento. Assim, pode-se dizer ser o homem uma categoria não inata, mas construída social e historicamente. Para Mancebo (2002, p.3):

Torna-se difícil aprender que o indivíduo é apenas um dos modos de subjetivação possíveis e que cada época, cada sociedade põe em funcionamento alguns desses modos, sendo categoria indivíduo, o modo hegemônico de organização da subjetividade na pós-modernidade.

Em outros pontos, segundo Mancebo (2002) torna-se possível citar que a pós-modernidade ocidental é considerada como uma suposição dominante de que o indivíduo, em sua construção mais íntima, é o ponto central e essencial do mundo. Também esse processo de construção da subjetividade da modernidade para a pós-modernidade foi uma trajetória muito longa e ainda continua sofrendo mudanças intensas.

Mancebo (2002, p. 3) ressalta que “ na psicologia, o conceito de indivíduo muitas vezes apresenta-se como a priori, não problematizado, tanto nas suas formações teóricas, quanto em seus desdobramentos práticos – profissionais”.

Debates e reflexões são feitos entre indivíduo/sociedade. Ao discutir e refletir sobre a construção da subjetividade individualizada, que vem se apresentando, cada vez, mais acentuada na pós-modernidade, pretende-se contribuir com essa investigação para o conhecimento do modo de produção da subjetividade do indivíduo e das possibilidades que ele possui para elaborar seu projeto de vida.

Fridman (1999), na metade do século XIX, quando a Europa foi invadida pelo mundo tecnológico e industrial, traz formas dramáticas no novo cotidiano. Essa

invasão da indústria, segundo o autor, provocou enormes conflitos na vida do indivíduo, resultados das grandes e profundas alterações nas formas de trabalho, nas aglomerações humanas, nos meios de comunicações, entre outros. Acabou, ainda, abalando as estruturas sociais cristalizadas e varreu rotinas e referências estabelecidas. Criou-se um cenário avassalador de insegurança no cotidiano do sujeito, desmanchando o que era ou parecia ser sólido na modernidade por um cenário em que o homem, segundo Gusmão (1999), em sua grande maioria, já não consegue mais se envolver e sentir prazer e segurança naquilo que produz. O seu trabalho e a sua produção estão dissociados da sua realidade existencial, daquilo que enriquece e dá significado à sua vida: o emprego. Isso sem contar com a exploração a que, muitas vezes, é submetido a fim de garantir seu emprego e manter seu padrão de vida e/ou a falta de oportunidade para poder exercer sua capacidade produtiva, em decorrências das crises econômicas que acontecem neste país ou no mundo.

Segundo Bauman (1998, p. 30), o indivíduo era livre para escolher o modo de vida que desejasse viver, controlando e administrando a sua existência na estrutura das normas legais reconhecidas pelos únicos poderes “o Estado”. O projeto em si, na modernidade, prometia libertar o indivíduo da identidade herdada, não tomando nenhuma posição contrária, para que o indivíduo pudesse ter “uma identidade sólida, exuberante e imutável”. Segundo o autor, a função de referência e de proteção social desempenhada por esses Estados também acaba enfraquecendo e, com isto, sentimentos de confusão e insegurança se instalam nos membros dessa sociedade contemporânea.

Outro aspecto da subjetividade, além dos já mencionados, é trazido por Damergian (2001b, p. 106) como entendimento da subjetividade nesse novo contexto pós-moderno, colocando-o como um “esvaziamento da subjetividade”. Este é o mundo interior que traz sofrimento na busca do auto-reconhecimento, pois, cada vez mais, o sujeito é seduzido pela “indústria do lazer e entretenimento”, onde acaba não buscando fazer uma reflexão para que possa lidar com a angústia e consiga evoluir no seu emocional. Cada vez mais, o indivíduo ocupa-se com atividades que envolvem seu prazer imediato. Segundo Damergian (2001b), nesse processo de esvaziamento, o indivíduo é induzido a procurar uma forma de externar seus sentimentos. Então, as danceterias, boates, rodas de pagode, shows que envolve vários tipos de músicas, são os lugares onde afogam suas mágoas e

angústias. A situação chegou em um nível tal que os indivíduos parecem não saber mais se divertir. Segundo Gusmão (1999, p. 46), o entretenimento é buscado como uma forma de fugir dos seus problemas. Em função disso, surge a inclusão do álcool e das drogas ilícitas, cada vez mais, presentes nas diversões, tanto dos adolescentes como dos adultos. É como se precisasse ficar “alto” ou “viajar” para fugir do tédio e do vazio existencial.

Esse esvaziamento da subjetividade, segundo Damergian (2001b, p. 106-107), dá-se à medida que o indivíduo “torna-se cada vez mais solitário” em seu convívio. Essa solidão também é causada por “falta de bons objetos internos”, onde os indivíduos acabam deparando-se com um mundo totalmente “pobre e vazio”. O contato no cotidiano do ser humano, cada vez mais, torna-se “superficial, pobre e sem sentido”. Não podendo esquecer que esse “colocar para fora”, buscado pelo indivíduo, muitas vezes nos locais de divertimentos, também acaba com as possibilidades de sentir e de pensar, de fazer reflexão sobre sua vida e ter consciência do rumo a que está direcionando-se.

Nesta vida agitada não sobra tempo para o indivíduo dar conta de suas limitações e, ele acaba perdendo a noção dos próprios limites, até onde seu físico pode suportar, como no caso de bebidas alcoólicas. Perde o respeito com as pessoas, que fazem parte de seu meio invadindo seu espaço e principalmente perde o respeito por si. Assim, o indivíduo vai se tornando uma pessoa ansiosa e infeliz, perdendo objetivos pessoais que dignifiquem sua vida.

A psicologia tenta pontuar, na questão relacionada ao fortalecimento interior, a busca do sentido da existência humana, para que tenha uma vida com mais qualidade.

Assim, se o indivíduo não se permite essa reflexão, acaba, como se tem visto, transformando-se em um sujeito considerado individualista.

Esse individualismo é característica da sociedade massificada que produz heteronomia e tem como objetivo suprimir o sujeito, esvaziando sua vida interior. O resultado é o humano reduzido à racionalidade ou racionalização como perversão da razão, anulado em sua subjetividade, incapaz de amor, de aceitar o sofrimento, sem vida interior, distante de tudo o que dá sentido à existência e, conseqüentemente das relações de alteridade campo dos investimentos afetivos. (DAMERGIAN, 2001, p. 107).

Nesse modo de vida, segundo Damergian (2001b), o indivíduo está

inserido. É acometido por grandes ofertas e acaba sendo induzido ao consumo, à competição, à arrogância, à indiferença, à destrutividade, ao ódio, que, muitas vezes, leva ao mundo da criminalidade. De acordo com a autora, é uma escala consumista, que se caracteriza através da ajuda da propaganda, onde os indivíduos acabam querendo consumir mais do que podem. Seus desejos são estimulados e acabam usando a criminalidade como meio para se ter acesso às coisas. Dessa forma, usando a criminalidade, conseguem, com mais facilidade e rapidez entrar em um círculo vicioso. Isso tem colaborado para a manutenção da insatisfação na vida dos indivíduos que fizeram essa opção .

### **3.1 Pós-modernidade e o indivíduo social**

Segundo Mancebo (2002), na pós-modernidade, os projetos social e cultural são muito férteis e com infinitas possibilidades, embora muito complexos e sujeitos a desenvolvimentos contraditórios. Iniciado no século XVIII continua em transição.

Nesta discussão, pode-se dizer que a consolidação do capitalismo como modo de produção, propõe não só mudanças econômicas no processo de produção material, como o desenvolvimento de uma idealização de liberdade e igualdade. Isso acabou acarretando profundas conseqüências para a subjetividade do indivíduo.

[...] as instituições estatais desenvolvidas para fazer jus a esse desenvolvimento societal aumentaram o peso burocrático e a vigilância controladora sobre indivíduos: sujeitaram-se intensamente ao ciclo de produção e de consumo; aprofundaram o espaço urbano desagregador, atomizado, destruíram muitas redes sociais de interconhecimento, de ajuda mútua e de solidariedade; promoveram o lazer a um gozo programado, heterônomo, passivo e individual. (MANCEBO, 2002, p.9).

Nesse contexto, surge o neo-individualismo pós-moderno, no qual o sujeito vive sem projetos, sem ideais, a não ser cultivar sua auto-imagem e buscar satisfação aqui e agora, admirando-se a si e amando-se, perdido na multidão. Está sendo massificado pelas engrenagens sociais que o fazem consumidor, ouvinte, telespectador, cliente, paciente, aluno, eleitor. O sistema tira “a subjetividade do



indivíduo como pessoa (...). Por isso, o sujeito de hoje quer dizer a todos que existe como sujeito, como indivíduo na massa social". (GOMES, 2002, p. 5).

Há incerteza nos dias de hoje, por não se saber o que realmente virá, apenas se tem conhecimento de que haverá grandes desperdícios de energia e de vidas. Morin (2005) coloca que os progressos deste novo mundo acabam fazendo escapar do pensamento a sabedoria do ser humano.

Em que as insustentáveis complexidades do mundo sufoca nossas mentes [...]. todos os avanços da ciência, da tecnologia, da economia e da sociedade carregam subjugação e liberdade, regresso e progressão, mal estar e bem estar, vida e morte. (MORIN, 2005, p. 241).

Morin (2005), ao inverso de alguns autores utilizados neste trabalho, coloca a impossibilidade de acesso a tais informações e o conhecimento tanto científico como tecnológico relacionado à vida cotidiana do sujeito, cujo controle de acesso acaba levando ao enfraquecimento democrático. Suas idéias se contrapõem às dos outros autores que enfatizam a grande disponibilidade de informações a todos os indivíduos em tão pouco tempo e a todo instante.

### **3.2 Conflitos e crise de identidade pós-moderna**

Segundo Hall (2001), as velhas identidades foram, por muito tempo, mantidas no mundo social, mas hoje se encontram em declínio. Estão surgindo novas identidades que, com o processo de mudança, acabam deixando o indivíduo fragmentado. Pode-se chamar a esse processo de crise de identidade, por estar, cada vez mais, deslocando a estrutura e os processos centrais da sociedade, desequilibrando as referências que davam base à vida do sujeito em seu meio social.

Fala-se muito em crise de identidade nos dias de hoje, ao passo que o sujeito tinha uma identidade bem definida na modernidade, em seu mundo social e cultural. Hoje, com todas as mudanças, que vêm ocorrendo desde da modernidade até a atualidade, o homem acabou desestruturado, fragmentado, deslocando as

identidades de classe, envolvendo etnias, raças e nacionalidades, que provocaram uma crise de identidade.

Segundo o autor, o conceito, pelo qual é dada a identidade, tem sido muito complexo, pouco desenvolvido e pouco compreendido pela ciência social contemporânea, para que possa ser colocado à prova, como ocorre com outros fenômenos sociais. Pode-se dizer, ainda, que se torna impossível fazer afirmações conclusivas e/ou julgamentos concretos sobre as alegações e proposições teóricas apresentadas por ele e, por outros autores.

Alguns autores acreditam que as identidades estão entrando em um grande colapso. Pode-se afirmar, então, que essa mudança estrutural, no final do século XX, está transformando as sociedades modernas, ou seja, essa transformação está mudando identidades pessoais. Isso acaba abalando a idéia que se tem do sujeito como ser integrado, além de ocorrer a perda do sentido de si, que era estável em algumas situações no passado. Esse fenômeno pode ser chamado de deslocamento, descentração do sujeito. Essa dupla mudança tanto no mundo social e cultural como em si, é vista em questão como uma crise de identidade.

Esses processos de mudanças, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos impelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada(...). A afirmação de que naquilo que é descrito, algumas vezes, como nosso mundo pós-moderno, nós somos também “pós” relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade – algo que, desde o iluminismo, se supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeito humano. (HALL, 2001, p.10).

Essas afirmações citadas pelo autor, podem ser examinadas sob três definições, ou seja, concepções diferentes de identidade.

Hall (2001, p. 10), num primeiro momento, define o “*sujeito Iluminista*”, baseado numa concepção, como um “indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação”. Esse centro social, a identidade do indivíduo, era, formado em um núcleo interior que emergia, quando o indivíduo nascia, e durante sua vida, ia se desenvolvendo, mas permanecia primordial a ele durante a sua existência como ser humano.

Em um segundo momento, seria a noção de “*sujeito sociológico*”, que

tinha como reflexão:

A crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – do mundo que habita. (HALL, 2001, p.10).

Esses símbolos - citados por Hall (2001) - são as figuras fundamentais na sociologia, que constrói a concepção interativa da identidade e do eu.

Assim, essa concepção sociológica clássica da identidade é constituída de interação entre o eu e o social. Tem, ainda, um núcleo (ou essência interior) formado pelo eu real que, além de ser formado, é também modificado num diálogo contínuo com o mundo cultural e as identidades que as mesmas oferecem. Segundo Hall (2001), a identidade na concepção sociológica preenche o espaço entre o mundo pessoal e o mundo social na vida do indivíduo.

Damergian (1996a, p. 304), diz tornar-se muito difícil falar da situação em que se vive e focar a própria identidade. Fala-se de um ser que diz ser autônomo e crítico dentro das condições que a sociedade atual impõe na vida do sujeito, mas aquele se torna responsável por assimilar isso no seu dia-dia e, em muitos casos, não consegue preencher o espaço entre o mundo pessoal e o social, ficando apenas um vazio.

A questão em si é que o sujeito acaba projetando a si essas identidades, ao mesmo tempo em que internaliza seus valores e significados, tornando-se parte de si. Isso contribui para um alinhamento dos sentimentos subjetivos, com lugares objetivos ocupados pelo indivíduo em seus meios cultural e social.

Hall (2001) coloca que exatamente esses pontos citados estão mudando na atualidade. O sujeito, até então, era considerado, constituído por uma identidade unificada, englobada, estável; hoje, se pode ver que está se tornando fragmentado, não sendo mais composto de uma única identidade e, em alguns casos, contraditório ou não-resolvido. Entende-se que o sujeito age dessa forma por várias questões, como ao assumir certas identidades para ser aceito na sociedade, vivendo um papel para ser admirado e aceito pelo meio em que vive.

Essas identidades que faziam parte da cultura social na modernidade e asseguravam um conformismo subjetivo com as necessidades objetiva e cultural daquela época, hoje se encontram em colapso, resultado das grandes mudanças

estruturais e institucionais ocorridas com o surgimento da tecnologia. Nesse processo de formulação, o indivíduo acaba projetando sua identidade cultural num processo provisório, problemático e variável. (HALL, 2001).

Todo esse processo acabou produzindo o “*sujeito pós-moderno*” (terceira definição do autor). Conceituou-o, anteriormente, como possuidor de uma identidade fixa, essencial ou permanente, tornando-se, nos dias de hoje, uma identidade móvel, deslocada, representada e/ou interpretada dentro do sistema cultural que o rodeia e que faz parte de seu cotidiano. (HALL, 1987, *apud* HALL, 2001).

Segundo Hall, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, que não são unificadas em torno de um eu coerente. Há identidades contraditórias, cruzando ou se deslocando mutuamente dentro do sujeito, que acabam empurrando-o em diferentes direções, deslocando-o continuamente. Pode-se constatar que a identidade unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, pois se o indivíduo possui uma identidade unificada desde a sua existência é porque foi construída uma cômoda estória sobre essa questão, sobre o indivíduo e/ou uma confortável narrativa do eu. Ao contrário disso, à medida que os sistemas de significação e de representação cultural forem se multiplicando, defrontam-se com uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, podendo identificar-se com cada uma sendo ao mesmo tempo temporária. (HALL, 2001).

Quando o autor cita essas três concepções de sujeito, ele coloca, de forma simplificada, que as sociedades são definidas como de mudanças constantes e rápidas. Não as define apenas como experiência de vivência com toda essa mudança rápida e contínua, mas as coloca como uma forma altamente reflexiva de vida.

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano de extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social. Que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana. (GIDDENS, 1990, *apud* HALL, 2001, p.21).

Segundo Damergian (1996a, p. 304), e de acordo com os questionamentos de Hall (2001) sobre identidade, “pode-se pensar, então o quanto é

difícil se afirmar à identidade, se manter a autonomia e participar criticamente da realidade dentro das condições que a sociedade atual impõe”. De acordo com a autora a afirmação da identidade fica bastante comprometida em relação à massa de ficção manufaturada, transmitida pela mídia ao indivíduo. Pode-se afirmar, então, que seria como um processo de lavagem cerebral, onde o indivíduo esquece o lado humano e prevalece a parte material.

Sendo assim, paradigmaticamente, segundo Hall (2001), tem-se, de um lado, o sujeito moderno, centrado, racional, reflexivo, unitário; de outro, o pós-moderno, fragmentado, acentrado, plural. As novas tecnologias de comunicação desempenharam um papel importante na passagem de um tipo de subjetividade a outro, junto aos acelerados processos de mundialização do capitalismo.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe (etnia, raça e nacionalidade), que, no passado, tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão, também, mudando as identidades pessoais, abalando a idéia que o indivíduo tem de si como sujeito integrado. Essa perda de um sentido de si, estável, como coloca Hall (2001), é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentralização dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si acaba constituindo uma crise de identidade.

## 4 A PSICOLOGIA NO NOVO CONTEXTO PÓS-MODERNO

Na passagem da modernidade para a pós-modernidade tornou-se muito evidente que os homens enfrentaram um conflito interno muito grande entre valores tradicionais e modernos, absorvidos em diferentes momentos da história, como colocou Santos (2000).

As mudanças psicológicas, resultantes de mudanças sociais, cujas raízes podem ser política, econômica, tecnológica, etc., tornaram-se ainda mais acentuadas com o modo de vida consumista implantado pela era tecnológica. Os impactos são bastante visíveis, as novas tecnologias de informação e conhecimento mudariam o mundo que vivemos e, assim transformariam nossas formas de pensar, agir, viver e de ser. (COSTA, 2005).

Na concepção de alguns autores, como: Bauman (1998); Kumar (1997); Santos (2000); há muitas semelhanças entre o que está acontecendo hoje e aquilo que ocorreu no centro de outras revoluções tecnológicas.

Uma delas foi a revolução industrial, segundo Fridman (1999), gerou profundas transformações na Europa no século XIX. A mecanização do trabalho teve como efeito direto o aumento dramático da capacidade de produção dos países industrializados. Houve, na época, vários e importantes efeitos indiretos, como: o surgimento dos grandes complexos urbano-industriais, a emergência de novas regras econômicas sociais e políticas, a divisão entre locais e horários de trabalhos e de lazer. Segundo Costa (2005, p. 72), “o conjunto dessas mudanças acabou afetando a vida de todos (de maneira positiva ou negativa), não importa quem fossem ou onde estivessem”. Ainda a visão de Costa (2005, p.72) traz como exemplo que:

No século XIX, o fortalecimento das comunidades feudais e a progressiva laicização das sociedades da época levaram ao desaparecimento de instâncias sociais – forçosamente externas – de vigilância e controle dos indivíduos. Tal desaparecimento, por sua vez, fez com que esses indivíduos, ao se livrarem das amarras dos costumes e da tradição não mais pudessem recorrer as formas externas dos seus desejos.

A invasão da indústria como colocou Fridman (1999), trouxe formas dramáticas ao cotidiano do indivíduo e resulta grande insegurança e muitas

alterações relacionadas ao trabalho. Isso trouxe desequilíbrio emocional, afetivo e, principalmente, familiar. Antes, na época moderna, segundo o autor, se tinha garantia de se manter no trabalho; hoje isso não existe mais, gerando uma época de incertezas em que não se pode mais fazer um projeto de vida.

Foi mostrado por alguns autores citados neste trabalho o que acontece no nível social, que tem um importante papel na construção da organização psíquica, quando se depara com essas mudanças.

#### **4.1 Mudanças sociais ligadas ao interesse da Psicologia**

Costa (2005), em seu ponto de vista, coloca que o excesso de liberdade pode construir em um sério problema, como já foi visto nos capítulos anteriores. A pluralidade, permissividade e falta de coesão acabavam fazendo com que o desejo individual não mais pudesse ser contido eficazmente pelo todo social. Essa liberdade individual, resultado da era pós-moderna, poderia parecer extasiante, mas geralmente tinha conseqüências bastante negativas para o indivíduo na sua vida social. Sendo a principal delas a perda de referências, pois, sentir-se perdido, pontuado por Kumar (1999), em muitos casos, acarreta efeito muito devastador a ponto de levar alguns indivíduos ao suicídio, conforme colocado por Santos (2000).

[...] a dificuldade de lidar com a ruptura e de aprender as características próprias do viver contemporâneo cria, com freqüência, uma visão de que todos os fenômenos atuais são negativos e destrutivos de tudo que tínhamos de positivo no mundo. Os nostálgicos encaram a Pós-modernidade como um processo de desumanização de nossa sociedade. (LEITÃO, 2003, p. 423).

As conseqüências negativas, trazidas por Santos (2000), geraram muitos conflitos no cotidiano do indivíduo, porque os valores foram perdidos. A Psicologia tem muito a fazer dentro desse novo contexto social. Isso porque a perda dos valores está, cada vez mais, abalando a vida do ser humano, atingindo principalmente o seu estado psicológico.

Segundo Costa (2005, p. 73), “A transformação subjetiva era evidente

demais para passar despercebida por aqueles que desejavam compreender o que estava acontecendo com os homens e mulheres da época”. Isso também está acontecendo nos dias de hoje, por terem sido introduzidas novas formas de pensar, de sentir e de existir com muito mais intensidade. A mídia, como já visto antes, tem um papel fundamental nestes acontecimentos, por introduzir informações com muita habilidade e rapidez. Esse meio acaba colocando, então, o indivíduo diante de novas e desconhecidas experiências, como apontou Santos (2000). Ainda em concordância com Costa (2005), Santos coloca que essas novas experiências podem trazer para a vida do indivíduo momentos tanto negativos como positivos. Isso vai depender do meio em que o indivíduo está inserido, ou da percepção e aceitação de cada ser humano dentro dessas novas experiências.

[...] sua dependência está associada à sua autonomia e aos seus próprios desejos. Ainda também como sujeitos são responsáveis por sua transformação e do meio do qual estão inseridos. [...] trata-se de uma mudança de mentalidade e de postura diante de sua compreensão de mundo [...]. (PETRAGLIA, 2002, p. 73).

Em alguns casos, como trouxe Hall (2001), o indivíduo, em certas situações, atua alguns tipo de identidade para ser aceito no seu meio social. Na modernidade, ele era visto como um sujeito possuidor de uma identidade unificada, enquanto, na atualidade, usa diferentes identidades, em diferentes momentos de sua vida.

Não se pode esquecer de que Najdsznajder (2002) apontou, em suas discussões, essa nova busca por experiências a que o sujeito é acometido. Existe um lado positivo, pois o ser humano está tendo várias possibilidades de acesso a esse novo, considerado pelo autor como um momento que ficará na história. Sobre a questão de positividade, Morin (2005) colocou que, ao seu olhar o lado positivo da pós-modernidade, percebe-se que o ser humano possui capacidade intelectual para aprender a lidar com tudo isso. Vendo sob outro ângulo colocado por Morin, pode-se inferir que a Psicologia pode considerar este aspecto como uma grande ferramenta para lidar e trabalhar com o ser humano, na construção de sua identidade.

Esse contexto psicológico, onde o indivíduo vive sob pressão psicológica está trazendo grandes conflitos à sua vida nos aspectos intelectual, financeiro, cultural e social. Essas novas experiências e os diversos aspectos estão gerando



alterações na vida psíquica do sujeito, como trouxe Damergian (2001b).

A maioria dos autores citados neste trabalho são sociólogos e filósofos que buscam ganhar distância para tentar compreender as mudanças atuais. Suas análises são de grande valor para quem procura investigar as transformações internas e externas, pelas quais está passando o ser humano. A Psicologia é a parte mais interessada nesses acontecimentos.

Segundo Costa (2005), isso se dá no momento em que se parte do pressuposto de que o social, ou seja, as estruturas, processos, instituições, tecnologias, sem querer, acabam construindo o psicólogo. Assim, faz-se necessário conhecer muito bem as novas características desse social, para que, nas investigações do processo em que o indivíduo está vivenciando, a Psicologia possa ter um entendimento das conseqüências psicossociais e trabalhar com isso.

O objetivo principal do psicólogo é investigar essas mudanças, mas se fizer o trabalho sem compreender, segundo Costa (2005), acabará por perder acesso àqueles sobre quem quer atuar: o ser humano. Sem conhecer e compreender as características da subjetividade do indivíduo pós-moderno, os profissionais da área correm o risco de se tornarem inadequados ou preconceituosos. Segundo a autora, é fundamental não se tornar pejorativo, porque é isso que acontece, algumas vezes com profissionais da Psicologia que utilizam ainda termos tradicionais numa época pós-moderna como “é o caso daqueles para quais qualquer mudança recebe valoração negativa a partir de parâmetros tradicionais”. (COSTA, 2005, p. 75).

A compreensão das características da subjetividade, que foram trazidas por Bauman (1998), está sendo um grande desafio para a Psicologia. O autor colocou que o indivíduo se sente livre para fazer suas escolhas, só que, na realidade, não é bem isso, porque o ser faz parte da sociedade, que mostra claramente que o indivíduo não é possuidor de tanta autonomia. Segundo Besnier (1996), quando questiona sobre a sociedade, diz que ela tanto obriga a internalizar conteúdos externo como também expõe o sujeito. É um processo vivenciado pelo indivíduo, e isso está fazendo com que perca sua autonomia, o controle de sua existência. Sob esse aspecto, Damergian (2001b) traz o processo como esvaziamento da subjetividade. Esse processo está levando o indivíduo ao sofrimento, que, na tentativa de esvaziar essa angústia, freqüenta lugares com intuito de amenizar sua situação de conflito. Com isso, o indivíduo acaba afundando

mais ainda, pois começa a utilizar outros meios, além de freqüentar bares, utilizando drogas. Segundo Leitão (2003), a Psicologia precisa ter um entendimento, uma compreensão de tudo isso que está acontecendo, uma vez que hoje se vive uma nova geração, que deixou os traços tradicionais muito distantes.

#### **4.2 A contribuição da Psicologia Social no contexto pós-moderno**

Segundo Damergian (1996a), no âmbito e na complexidade do contexto atual da contemporaneidade, por um campo interdisciplinar, a Psicologia Social poderá trazer grandes contribuições relevantes por ter domínio, conhecimento e compreensão nas relações interpessoais relacionados aos aspectos cognitivos, afetivos e da subjetividade, diante das condições sociais em que o indivíduo se encontra.

O grande desafio da Psicologia, nessa nova ordem mundial, segundo Damergian (1996a), está em compreender um novo sistema de produção, não tendo mais uma economia autônoma, uma vez que se criou uma grande economia globalizada. Essa nova ordem lhe atribuiu essa tarefa devido a uma explosão da miséria, da desordem, da exclusão e da fragmentação em alguns pontos do universo. Isso acaba acarretando uma grande preocupação para a Psicologia que é o empobrecimento da nação, tanto econômica, quanto política e, principalmente, subjetiva, causando efeitos convulsivos sobre o modo de vida e o desfrutamento do mundo.

Damergian (1996a) coloca a nova estrutura social, em que o sujeito psíquico está vivenciando, e acaba traduzindo sua singularidade, suas especificidades historicamente. Essas estruturas acabam tornando-se um palco dessas relações de vida e de morte dos sujeitos, que nelas habitam, e acabam imprimindo suas fantasias e desejos.

A Psicologia Social tem o papel de considerar essas características, de fazer-se respeitar essas singularidades na definição do indivíduo, quando o mesmo pensa na impossibilidade de liberdade, em que cada ser possui sua autonomia na produção de suas necessidades e desejos. Assim, também Morin (2005) colocou

quando fala de liberdade, autonomia. O sujeito possui, sim, possibilidades para tal, mas o sujeito precisa dispor de possibilidades mentais para poder fazer as escolhas.

Então, como conciliar respeito a essas singularidades, às diferenças com liberdade? Com todas as implicações apresentadas, pode-se, então, dizer que esse é o grande desafio para a Psicologia, onde se vive num mundo de regras, que forçam o sujeito a pensar, agir, necessitar, desejar, consumir, ou seja, a viver. (DAMERGIAN, 1996a).

#### **4.2.1 A construção de novos valores: um desafio para a Psicologia**

Segundo Leitão (2003, p. 421), “as recentes e radicais alterações do cenário mundial vêm gerando impactos profundos na produção científica contemporânea”. Profissionais de diferentes áreas do conhecimento estão em busca de dar sentido a um mundo que, no cotidiano, se apresenta como caótico. A consequência disso são as transformações de antigas certezas em dúvidas e em inseguranças, destruindo o que era sólido e tornando-se líquido como colocaram Bauman (1998); (Marx *apud* Harley 1998); Mancebo (2002).

Leitão (2003) contrapõe Costa (2005), ao dizer que a Psicologia pode utilizar algumas teorias tradicionais para interpretar os impactos psicológicos gerados pela era pós-moderna. São analisados novos sentidos, novos comportamentos e conflitos humanos como diferentes manifestações de antigas e conhecidas tendências e referências, onde a Psicologia também pode captar aquilo que de novo emerge na configuração psicossociológica do indivíduo na pós-modernidade.

Gomes (2002), em suas reflexões sobre a influência da cultura pós-moderna, em todos os sentidos da vida em sociedade, afirma que certamente se vive em um momento de crise, podendo considerar que os valores antigos já não resolvem, nos dias de hoje, os problemas existentes, e que os valores novos não se encontram ainda firmes e com resultados que atendam às necessidades do sujeito atual.

Portanto, segundo Leitão (2003), torna-se fundamental que os profissionais da Psicologia conheçam, com maior profundidade, as transformações sociais em curso para que sejam capazes de compreender e auxiliar os indivíduos quanto aos impactos dessas transformações no plano psicológico.

Costa (2005) diz que a Psicologia continua resistente a esses tipos de reflexões críticas. Em sua concepção, grande parte dos psicólogos continuam ainda presos a antigas categorias e não operam nenhuma ruptura com os novos conhecimentos. Utilizam referências e alguns métodos que foram, por muito tempo aplicados na época moderna e/ou no início da pós-modernidade. Hoje pode-se dizer que existem novas abordagens e métodos que possuem uma outra visão de homem .

O contraste de duas posturas tão distinta frente a atual produção de conhecimentos causa impacto e estranhamento. Temos, de um lado, a postura de continuidade teórica da Psicologia e, de outro, a de ruptura que caracteriza as correntes teóricas aqui apresentadas. (LEITÃO, 2003, p.428).

Esse estranhamento, a que a autora refere-se, pode servir como um convite para os psicólogos começarem a repensar criticamente a postura de continuação que muitos adotam.

Portanto, segundo Leitão (2003), tal procedimento pode, por exemplo, levar a reconhecer que o atual corpo teórico da Psicologia, que foi construído para compreender a existência humana em uma ordem social que já não existe mais. Diante da atual inadequação do corpo de conhecimentos psicológicos, não vem deparando-se com uma tarefa muito fácil. Para Leitão (2003, p.428), “ um dos obstáculos envolvidos parece ser o medo de que a Psicologia possa vir a desaparecer caso não haja ferramentas adequadas para interpretar as transformações psicológicas em curso”.

Sendo assim, pode-se registrar que:

Uma das principais funções da Psicologia é a de identificar, descrever, interpretar e compreender as novas organizações subjetivas que são geradas em diferentes contextos históricos e sociais, sejam estes já conhecidos ou totalmente novos. (LEITÃO, 2003, p. 428).

A Psicologia tem, pois, referenciado, em diferentes contextos do mundo que o ser humano, na modernidade, era considerado estável e facilmente reconhecido, não havendo maiores dificuldades em identificar e interpretar as inúmeras e sutis facetas da existência humana. Já na pós-modernidade, segundo a autora, as intensas mudanças sociais vivenciadas levam a Psicologia a ter mais dificuldade de conhecer as principais características da vida atual e, conseqüentemente, as transições psicológicas construídas por esse novo contexto.

[...] portanto, se falamos de um sujeito pós-moderno, que se rege por este contexto, necessariamente falamos de uma subjetividade com características que diferem substancialmente daquela oriunda da modernidade ou de outro período histórico. [...] que a psicoterapia, no contexto pós-moderno, tem por função auxiliar o indivíduo neste contexto, ou seja, deve obrigatoriamente se defrontar com o contexto pós-moderno para que seja minimamente eficiente em sua finalidade. (FERREIRA, 2005, p. 128-129).

Diante desse novo contexto social e histórico, a função da Psicologia é ter o papel de identificação, descrição e de análise da mais nova construção de subjetividade já existente. (LEITÃO, 2003).

Foram apresentadas teorias recentes, nos capítulos anteriores, construídas na sociologia e na filosofia, tornam a sociedade atual menos assustadora ou, pelo menos, mais conhecida. Tornam-se, então, mais claras algumas principais referências sociais, que servem como base para novos processos de construção da subjetividade, como apontou Hall (2001), quando ele traz essa questão.

Por exemplo, essas novas categorias, segundo Leitão, (2003) apontam para um surgimento de um mundo globalizado, no qual a referência de humanidade começa a ganhar força junto a novos e desconhecidos riscos, que rondam a existência humana. Ainda direcionam para novas modalidades de consumo em torno do qual a sociedade pós-moderna se organiza.

Tudo isso se reflete ao plano da existência individual, transformando radicalmente as formas de o sujeito contemporâneo agir, pensar, sentir e se relacionar consigo e com os outros. Conhecendo um pouco melhor as âncoras sociais que, recentemente, começam a servir de referências para a existência humana, talvez possamos na qualidade de psicólogos, aventurar novos olhares sobre nosso contemporâneos e, assim, a tecer uma nova rede de conhecimentos psicológicos mais compatíveis com a atualidade. (LEITÃO, 2003, p. 428).

Por fim, aponta para o revolucionário papel que as grandes novas tecnologias do conhecimento vêm exercendo nas diferentes esferas da atividade humana, criando novas formas de lidar com diferentes tipos de informações e conhecimentos, bem como novas formas de interagir ao meio, na relação entre nações, grupos e pessoas.

## 5 CONCLUSÃO

Esse é o objetivo deste trabalho: pesquisas bibliográficas com autores que são considerados doutores, quando se fala do sujeito contemporâneo; e que trazem conteúdos de grande importância para que a Psicologia possa discutir sobre eles e trabalhar com esses novos desafios.

Os critérios norteadores, quanto à escolha das correntes teóricas, foram: mudanças no comportamento, consumo, contemporaneidade, construção da subjetividade e a Psicologia na atualidade, utilizados para compreender o contexto social no qual as novas questões subjetivas se desenrolam. Isso trouxe uma visão daquilo que está acontecendo no mundo atual, das consequências trazidas pelas mudanças cultural e social nas principais esferas da vida humana.

Acredita-se que, se os psicólogos não estiverem atentos a essas mudanças, segundo Costa (2005), dificilmente conseguirão rever as antigas e sólidas certezas e compartilhar com mais segurança, conhecimento, criatividade e versatilidade, para trabalhar com diversas temáticas nesse novo contexto pós-moderno de produção histórico-social.

Segundo Leitão (2003), deve-se discutir sobre os Psicólogos, onde deveriam aventurar-se e lançar diferentes olhares sobre os novos acontecimentos fenomenológicos que estão acontecendo com a humanidade. Concorda-se que esse novo olhar deva ser flexível, maleável ou complacente, para que a Psicologia possa acompanhar, com muito mais flexibilidade, as novas mudanças que estão acontecendo. A Psicologia deve estar lado a lado com essa evolução, junto ao indivíduo para poder compreendê-lo no seu processo de transformação.

Damergian (2001b) já acredita em possibilidades que possam mudar esse contexto histórico-social. Ela relata que o sujeito chegou ao seu limite, e da forma como as coisas estão acontecendo, não há mais como adiar. A Psicologia precisa utilizar seus conhecimentos urgentemente a favor da vida como sempre o tem feito. É preciso fazer isso em números maiores, através de uma conscientização coletiva. Trabalhar para resgatar o amor que ainda existe dentro de cada ser humano.

Tem-se dado pouca importância à questão que envolve amor e afetividade. Segundo Damergian (2001b), a causa maior da crise de identidade do sujeito é a falta ou incapacidade de amar. Amar a si e/ou aos outros: essa questão

deve ser humanamente trabalhada ao longo dos anos, pois o ser humano ( a maioria) vive intensamente voltado para o conhecimento e a razão, deixando de lado aquele componente.

A Psicologia poderá trazer, como contribuição, esclarecimentos nos aspectos cognitivos, afetivos e psicossociais, examinando as condições sociais que estão envolvidas na formação e na preservação de um sistema de representações sociais mostrando as condições que ajudariam na construção de uma nova visão coletiva.

Foram mencionadas, no início do trabalho, as grandes mudanças ocorridas no comportamento do ser humano, na passagem da modernidade para a pós-modernidade, causadas por transformações sociais, políticas e tecnologias.

Tem sido muito difícil acompanhar essas mudanças, acontecidas, a todo o momento, no cotidiano. As antigas formas de organização estão sendo perdidas, tanto interna como externamente. As certezas do mundo moderno, que até há pouco tempo faziam com que se refletisse sobre os desejos, além de servirem de base para a organização psíquica, estão deixando de existir.

O homem da modernidade acreditava em seu futuro, tinha projeto de vida e, de certa forma, sentia-se seguro, apesar de não ser tão real essa visão. Hoje, na pós-modernidade, a cada dia vive-se com menos certeza. Não se tem um projeto de vida, pois não existem garantias, seja de emprego, estabilidade social, ou de segurança, e esta está em todos os lugares habitados pelo indivíduo.

O ser humano vive em constantemente crises de identidades, porque suas referências estão sendo substituídas por incertezas, medo, insegurança.

Pode-se considerar que um bombardeio de informações, trazido pela era tecnológica, acabou acarretando grandes transformações no comportamento do sujeito. Dessa forma, a transição, que vem acontecendo com muita rapidez, deixa o sujeito atordoado e sem saber o rumo a tomar: A quem se entregar para amenizar a angústia, a insegurança ou o medo? Em quem acreditar, a fim de o ajudar a ter uma vida mais tranqüila, harmoniosa e saudável?

A Psicologia tem como objetivo tentar compreender essa situação vivenciada, mas, para isso, precisa trabalhar com mais reflexão, conhecimento, estratégias rápidas. Só assim a Psicologia poderá acompanhar esse processo de mudança com mais precisão e trabalhar o coletivo. Para que isso aconteça, torna-se fundamental que o indivíduo valorize também os princípios norteadores da



sociedade para uma boa vivência.

Acredita-se que, o trabalho coletivo possa dar resultados mais rápidos, mas é preciso, em primeiro lugar, conquistar o público-alvo para saber usar as abordagens e obter um resultado positivo, para dar continuidade do projeto. Para isso, a Psicologia, além de usar seu conhecimento, terá que ser flexível e agir com sabedoria, para lidar com o que envolve o cotidiano do ser humano.

As instituições e outros seguimentos da sociedade têm grande responsabilidade na divulgação dos valores humanos.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 272p.

BESNIER, Jean-Michel. **A sociedade em busca de valores**: para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget, c1996. 264 p. ISBN 972-771-023-9.

COSTA, Ana Maria Nicolaci-da-. **Primeiros contornos de uma nova configuração psíquica**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 71-85, jan/abr. 2005, artigo disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 20 mar 2007.

DAMERGIAN, Sueli. **A construção da subjetividade na metrópole paulista**: desafio da contemporaneidade. São Paulo: EDUC, 2001b.

\_\_\_\_\_, Sueli; TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. **Para um novo humanismo: contribuições da Psicologia Social**. Estud. Av. vol. 10 no.28 – São Paulo set/dec. 1996a. Estudos avançados – Print ISSN 0103-4014. Artigo disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141996000300013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000300013) > acesso em: 16 abril 2007.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões**: quatro ensaios críticos – dialéticos em filosofia da educação. Campinas – SP: Autores associados, 2003, 106p. (coleção polêmicas do nosso tempo. 86).

ESCOBAR, Samuel; SALINAS, Daniel. **Pós-modernidade**: novos desafios a fé cristã. 2. ed. São Paulo: ABU, 2002, 100p.

FERREIRA, Vinícios Renato Thomé. Psicoterapia e pós-modernidade: problemática da subjetividade e da psicologia clínica no contemporâneo. In: **Revista de Psicologia da UnC**. vol. 2, n. 2, p. 128-133, 2005 – Disponível em: [www.nead.uncnet.br/revista/psicologia](http://www.nead.uncnet.br/revista/psicologia) > acesso em: 28 fev 2007 e 28 mar 2007.

FRIDMAN, L. C. **Pós-modernidade**: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento. História, ciências, saúde – manquinhos VI – 2 – 353-75, jul/out. 1999.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. 2. ed. Campinas – SP: Autores Associados, 2005, 95p.

GOMES, Jomara Brandini; CASAGRANDE, Lisete Diniz Ribas. A educação reflexiva na pós-modernidade: uma revisão bibliográfica. In: **Revista Latino-Americana de Enfermagem** – Ribeirão Preto. V. n. 5. Set/out. ISSN 0104-11692002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v10n5/v10n5a11.pdf> acesso em: 06 mar 2007.

GUSMÃO, Sonia M.L. **Ousando Ser Feliz: Temas de Psicologia Humanista**. João Pessoa: Universitária, UFPB, 1999. 166 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102 p.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998, 352 p.

KUMAR, Khishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. CAP. 4: Modernidade e pós-modernidade I; a idéia do moderno.

LEITÃO, Carla Faria; COSTA, Ana Maria Nicolici-da. **A psicologia no novo contexto mundial**. Estudos de psicologia INSS 1413-294X – Est. Psicol. v. 8, n. 3 – Natal - Brasil sep./dez.2003. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, artigo disponível em :<<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19964.pdf> > acesso em: 20 mar 2007.

LOMBARD, José Claudinei (Org. ). **Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais**. 2. ed. .Campinas – SP: Autores Associados, 2003, 233p.

MANCEBO, Deise. **Modernidade e produção de subjetividade: breve percurso histórico. Psicologia: Ciência e profissão** – Psicol. Cienc. Prof. V. 22, n 1 – Brasília mar. 2002. issn 1414 - 9893 Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, artigo disponível em: <[http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000100011&script=sci\\_arttext&tlnq=pt](http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000100011&script=sci_arttext&tlnq=pt)> acesso em: 23 mar 2007.

MORIM, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade a identidade humana**. Tradução SILVA, Machado Juremir. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005, 312p.

**O ILUMINISMO**. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historia/iluminismo/>. Acesso em: 06 jun de 2007.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber.** 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 115 p .

ROGERS, Carl R. et al. **Em busca de vida.** São Paulo: Summus, 1983.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-modernidade.** São Paulo: brasiliense, 2000, 111p – Coleção primeiros passos 165.

ZAJDSZNAJDER, Luciano. **Ética, estratégia e comunicação na passagem da modernidade à pós-modernidade.** 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2002. 260 p.